

BOLETIM

DA

REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

ARCHITECTURA CIVIL
E
CONSTRUÇÕES

N.º 11

ARCHEOLOGIA HISTÓRICA
E
PREHISTÓRICA

SUMMARIO D'ESTE NUMERO

A ourivesaria portugueza nos seculos XIV a XVI, (<i>Continuação</i>) pelo sr. JOAQUIM DE VASCONCELLOS	Pag.	161
SECÇÃO DE ARCHITECTURA :		
A Basilica de Mafra, pelo sr. JOAQUIM DA CONCEIÇÃO GOMES.....	•	166
SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA :		
Photographia do presente numero, Explicação pelo sr. J. P. N. DA SILVA.....	»	169
Setubal, Inscripções que se encontram em alguns monumentos.....	»	170
O sr. J. P. N. DA SILVA.....	»	171
Carta dirigida por M. Louis Richemond ao sr. presidente da Real Associação dos Archite- ctos e Archeologos Portuguezes.....	»	173
Noticiario.....	»	174

A OURIVESARIA PORTUGUEZA

NOS SECULOS XIV A XVI

ENSAIO HISTÓRICO

VI

A OURIVESARIA HESPAÑHOLA, PROFANA E RELIGIOSA

(Continuado do numero antecedente pag. 150)

Pertencem ainda ao grupo dos relicarios certos cofres, *arquetas*, doadas ás egrejas pelos principes hespanhoes; comtudo nem todos foram feitos para o serviço sagrado. O *Museo espanol* publicou uma collecção bastante numerosa d'elles, desde a epoca arabe até ao fim do século XVI, feitos pelos processos mais variados. Chamamos a attenção do leitor para um admiravel specimen da cathedral de Girona, de estylo hispano-arabe (século X) e para a peça que os Reis Catholicos legaram á *capilla de los reyes* da cathedral de Granada.¹

Citaremos ainda a caixa (tabernaculo) do Santissimo da cathedral de Sevilha; é uma peça de grandes dimensões, toda de prata, que pertence á primeira metade do século XVII; apesar da ornamentação decahir em alguns pontos para o genero

¹ O de Girona está gravado em Dav., pag. 18; tem a assinatura de Juden, filho de Bozla, artista arabe de Cordoba; o de Granada na mesma obra, pag. 56, e em Lafuente vol. II, pag. 432, bella chromolithographia, que dá melhor ideia do original.

baroque, ainda a parte constructiva revela a mão de um mestre educado na escola de Juan de Arphe; as proporções architectonicas, que são as de um templo circular de ordem composita, merecem louvor; a modelação das figuras é excellente, em geral (Laurent n.º 329).

Uma outra especialidade em que os artistas peninsulares se distinguiram tem o nome commum de *portapaz* ou osculatorio. Já fallamos das peças portuguezas. O Museu de Kensington guarda um exemplar hespanhol, de prata dourada, de muito merecimento. Figura uma portada em estylo da Renascença; na parte central, em pleno relevo, a Virgem, ajudada por um anjo, veste a casula a Santo Ildefonso; no tympano do frontão o Padre eterno, lançando a benção; na base da peça o *agnus dei*; corôa o frontão uma estatua do santo. A data da factura regula de 1540-1550 (Riano, pag. 33).

A OURIVESARIA PROFANA

A ourivesaria hespanhola profana foi destruida na maior parte. Não houve escrupulos em refundil-a; eram peças enormes, massiças, de grande valor intrinseco, que não deixavam grande prejuizo, depois de mettidas no forno. Quando em maio de 1881 visitámos a *Exposição retrospectiva da nobreza*, em Madrid, ficamos admirados da sua extraordinaria pobreza sob este ponto de vista. Vimos ali uma duzia e meia de peças de prata to-

das de mediocre valor, a maior parte salvas do seculo xvii, lavradas de flores e folhagens, trabalho abolhado, perfeitamente semelhantes ás nossas da mesma epoca, a ponto de se confundirem com ellas. ¹ Aquellas dezoito peças, não mais, eram as reliquias das casas dos Duques de Huescar, de Bailen e de Tamames, dos Marquezes de Heredia, de Alcañices, etc., dos maiores titulos de Hespanha. ² Quem leu as descrições perfeitamente authenticas de Madame d'Aulnoy, a relação das fabulosas riquezas de certos fidalgos do seculo xvi, que conservavam ainda a maior parte das suas pratas na segunda metade do seculo xvii ficará como nós ficámos, estupefactos diante de semelhante pobreza. Que contraste com os grandiosos thesouros das egrejas! Que é d'aquelles cestos monumentaes de prata, que carregavam quatro criados da princeza de Monteleon; das mezas de prata, dos espelhos collossaes do mesmo metal, das lampadas grandes (*belons*) que faziam dizer a Madame d'Aulnoy: *tout est d'une pesanteur surprenante* (vol. I, pag. 173). «Quando o duque d'Albuquerque morreu, levaram os herdeiros seis semanas a fazer o inventario da baixella de ouro e prata d'este fidalgo e a pezal-a, gastando duas horas por dia; acharam 1:400 duzias de pratos pequenos, 500 travessas grandes e mais 700 das pequenas, e tudo o mais em proporção; ainda encontraram 40 escadas de prata que serviam para trepar ao aparador disposto em degraus, como se fosse um altar, collocado n'uma grande sala. Quando me contaram estas riquezas de um particular julguei que zombavam de mim; pedi a D. Antonio de Toledo, filho do duque de Alba, que estava presente, que me desenganasse. Respondeu-me ser tudo verdade, e que seu pae, que não se tinha na conta de muito rico em baixella de prata, possuia 600 duzias de pratos e 800 travessas». (*Op. cit.*, vol. I, pag. 173.) A autora accrescenta que toda esta prata vinha das Indias (isto é, America), e que, como não pagava direitos, se importava facilmente. «Il est vrai qu'elle n'est guère mieux faite que les pièces de quatre pistoles que l'on frappe dans les galions en revenant de ce pais-là.» ³

¹ V. o exemplar gravado em Riaño, pag. 36.

² Não se publicou, infelizmente, catalogo algum d'esta exposição; tiramos porém d'ella numerosos apontamentos, depois de repetidas visitas. Algumas familias hespanholas poderiam ter hoje museus admiraveis, organizados só com as doações regias que disfructavam como privilegio, em memoria de certos feitos. A do Marquez de Moya recebia no dia 13 de dezembro de cada anno (desde 1500, privilegio dos Reis catholicos) um vaso d'ouro da pessoa reinante; os Duques de Híjar recebiam desde 1441 (privilegio de D. João II de Castella) até 1868 o vestido que o rei e a rainha de Hespanha vestiam no dia da Epiphania. Tudo isto se perdeu completamente (Riaño).

³ Das Indias recebia a Hespanha, segundo a mesma autora, por anno 50 milhões de *livres*, vol. III, pag. 403; um

Embora o valor artistico d'estes objectos fosse muito secundario, o que não soffre duvida é que os objectos feitos na peninsula para uso profano pelos grandes ourivezes do seculo xv e xvi deviam corresponder, em merecimento, á reputação geral dos artistas hespanhoes dentro e fora da peninsula, mormente quando a materia prima enchia o mercado. Já alludimos ás preciosas armas hespanholas, adiante fallaremos das riquissimas joias; já passamos em revista as esplendidas peças religiosas; é natural pois suppor que as do uso profano, não deviam ser de inferior valia, para corresponderem aos sumptuosos estofos, ás riquissimas joias, ás preciosas obras de ceramica, aos cristaes deslumbrantes, porque tudo isso tinha a Hespanha em abundancia, e o que é mais, de fabrico nacional. ¹

Davillier publicou uma serie de gomis e picheis da collecção de desenhos de *maîtrise* da confraria de Barcellona que attrahem a nossa attenção. O desenho d'estes objectos não é sempre puro; alguns peccam pelas proporções; concedemos mesmo que ha, em geral, pouca originalidade na invenção das formas, mas ninguem pode negar o grande merecimento de algumas d'essas peças; é mister conceder que todas ellas estão muito acima da mediania. Madame d'Aulnoy referia-se sem duvida só á baixella lisa de serviço de meza, que não poderia decerto existir em tanta quantidade, se fosse fabricada com esmero.

Os exemplares que conhecemos pelos desenhos de Barcelona provam o que acabamos de dizer; abrangem as datas 1510-1618, mas mesmo no seculo xv já as peças do serviço profano tinham um cunho artistico notavel. Lembraremos só o bellissimo jarro e bandeja de serviço de ante-meza, (*agoa ás mãos* v. Borrell vol. II, pag. 257). Os trabalhos de Barcelona são dignos de um exame minucioso. Merece ser citada, em primeiro lugar uma *caneca*, feita já em 1510, em puro estylo do Renascimento, apenas no pé ha uma vaga reminiscencia da epoca anterior. É obra de um notavel

governador trazia, apoz cinco annos de exercicio, dois milhões d'*écus*, liquidos, vol. III, pag. 64; o processo da extracção é explicado mais adiante: vol. III pag. 87, assim como a educação da fidalguia hespanhola, ou antes peninsular. cfr. Ranke, adiante Cap. VII.

¹ Os tecidos hespanhoes ainda não foram devidamente estudados; apenas madame Bury Palliser, *Hist. de la dentelle*, pag. 82, escreveu algumas linhas sobre as rendas; os estudos de Francisque Michel *Recherches sur le commerce, la fabrication et l'usage des étofes*, etc. (seda prata e ouro). Paris, 1852-1854, 2 vol., são importantes, mas referem-se apenas á Edade Media. Sobre os cristaes deu Davillier importantes noticias em 1879, *Les arts décoratifs en Espagne*, com grav. No mesmo anno publicou Riaño os seus interessantes resumos historicos: ourivesaria, ferraria, bronzes, armas, mobiliario, marfins, ceramica, vidros, tecidos e rendas. *The ind. arts in Spain*. v. ainda Borrell vol. II e III. A ceramica foi a arte industrial hespanhola que despertou mais cedo a attenção dos estrangeiros.

artista catalão, Juan Balaguer. ¹ A composição geral, correcta, bem estudada; o delicado lavor dos ornatos, abundantes, mas perfeitamente adequados e subordinados ás linhas constructivas da peça, constituem um conjunto de qualidades, que só podiam ter sido desenvolvidas n'uma escola antiga e bem organizada, como era a de Barcelona.

São menos originaes e menos correctos no desenho dois picheis dos artistas Miguel Garriga e Antonio Beltram, ambos de Barcelona, que podiam passar perfeitamente por allemães, tal é a sua semelhança de estylo com os desenhos de ourivesaria de Hans Brosamer ²; no primeiro o lavor é de gomos ou verdugos e folhagens na superior; na parte inferior, bojo e pé, de escamas e folhas; a ornamentação do outro é identica e mais bem distribuida; ambos teem as azas e canos feitos de bichas; as datas regulam por 1520 e 1523. Outro pichel, a pag. 190, pecca pela deficiencia das proporções; as bichas da aza e do cano são pezadas, de desenho incorrecto, grandes em demasia, e não estão bem ligadas á peça principal; o exemplar é um pouco mais moderno, cerca de 1530.

Segue-se outro exemplar de 1549, de Jaume Prats, de formas relativamente correctas, mas com uma ornamentação de *rotulos y colgantes*, menos bem equilibrada (Dav. Pl. x); parece copiado de uma estampa de Virgil Solis, tal é a semelhança com os desenhos d'este artista allemão (v. Flugblätter n.º 31). O pichel de Felipe Ros, de 1597, marca o termo do seculo; é o mesmo lavor de *rotulos y colgantes*, convencional desde o meado do seculo xvi, variado com pouca differença das estampas ornamentaes flamengas e allemãs do estylo dos Vries, Vlindt e De Bry; as proporções do exemplar são deficientes. ³

Davillier ainda reproduz os seguintes objectos de uso profano: um vaso sem tampa de Juan Barina, talvez de flores (*albarrada*), com duas azas formadas por golphinhos; no bojo uma inscripção arabe fingida; ⁴ a ornamentação mixta accusa o fim do seculo xv; uma copa com sobrecopa de Joan Alies de 1543 muito notavel: quatro golphinhos sustentam a parte superior; a parte inferior, o bojo, está dividido em gomos, lavrados de folhagens. As proporções, a ornamentação, os perfis

são irrepreheiveis. (Dav. Pl. ix); uma outra copa e sobrecopa de Jayme Martou, de 1581, de formas puras, com ornamentação sóbria de mascaras e grinaldas de fructos (*pendurados*), a que acima alludimos, mas sem originalidade, poderia passar muito bem como obra flamenga da mesma epoca.

As salvas hespanholas que temos visto não merecem especial menção; já alludimos aos exemplares da *Exposição da nobreza*; outros de identico character estão no museu de South-Kensington. Davillier offerece-nos o desenho de uma salva de 1618, feito por Andreu Texidor, de boa composição, mas que em nada differe dos exemplares flamengos e allemães da mesma epoca. Do meado do seculo xvi em diante a originalidade do desenho, o genio inventivo vae diminuindo, mesmo n'um dos melhores centros de estudo, como era Barcelona; os artistas lançam mão dos padrões estrangeiros; os mais engenhosos imitam-n'os com mais ou menos felicidade, os menos bem dotados combinam eclecticamente os motivos das estampas ornamentaes do Norte, espalhadas por toda a Europa. No meado do seculo xvii a decadencia é evidente; a pobreza de ideias denuncia-se pelas numerosas copias de um mesmo typo; os exemplares hespanhoes e portuguezes confundem-se n'uma mesma mediania.

A Joialheria

A joialheria hespanhola foi cultivada com o maior exito, e ainda hoje temos felizmente exemplares magnificos, e em bastante numero, que provocam a nossa admiração. As doações ás cathedraes, onde o culto da Virgem era veneradissimo, faziam-se tanto por meio de joias, como por meio de objectos para uso do culto; a veneração por Nossa Senhora e pelos numerosos santos, padroeiros de conventos e egrejas, traduzia-se nas ofertas mais custosas. Os thesouros accumulavam-se nas celebres romarias da Hespanha, á Virgem em Zaragossa (*del Pilar*) e ás imagens não menos celebres de Montserrat (*Negra*), de Guadalupe, de Toledo (*del Sagrario*), de Madrid (*Atocha*), de Sevilha (*la Antigua*), etc. ¹ Ainda ha poucos annos, em julho de 1869, no leilão, a que já alludimos por vezes, de joias da *Virgem del Pilar* se viu o que uma só imagem possuia de riquezas. Eram, na maior parte, joias de alto valor: 523 *alhajas* ² um

¹ Davillier, Pl. II, classifica-a de *aiguière*, mas é evidente que ella differe das peças a que elle dá o mesmo nome. Pl. X e XVII e pag. 181, 185 e 190. Parece-nos ser antes uma caneca.

² Davillier, pag. 181 185; compare-se com *Kunstgewerb. Flugblätter* n.ºs 21, 22, 23 e 25.

³ Dav. Pl. XVII. O nome do autor parece-nos flamengo (Roos? v. pintores d'este nome).

⁴ As inscripções arabes fingidas apparecem com frequencia na ourivesaria hespanhola; v. Dav. pag. 35, 59, 175, e tambem em documentos portuguezes do seculo xvi, «atanor com letras mouriscas» Doc. v.

¹ A viagem a uma d'estas romarias, pelo menos, era obrigação de consciencia. Francisco de Hollanda, fallando da de Santiago, diz: «que se essa soo me falecia das mayores de Spanha e quasi de toda a Europa». Cita depois mais oito, que fizera. *Do tirar pelo natural*, fol. 184.

² Cifra apontada por Borrell, vol. III, pag. 218. Sobre as riquezas extraordinarias de Guadalupe falla Navagero na sua *Viagem*, pag. 262, dizendo que era muito visitada por gente de Portugal. Veja-se a *Hist. de Guadal.* do Padre Talavera, onde se acha um inventario das peças do thesouro, com ofertas portuguezas. Pag. 579, ed. Fábri.

verdadeiro museu! E note-se que não eram objectos importados; os joalheiros catalães deixaram-nos documentos da sua rara habilidade, tão autênticos e tão numerosos, ¹ que não ha remedio senão marcar-lhes um lugar de honra na historia d'esta arte industrial no seculo xvi e xvii.

Mesmo antes de Davillier, já Borrell havia re-produzido em 1875 uma serie de joias importantes dos dois seculos citados, inclusive a esplendida corôa da *Virgem del Sagrario* (1574), obra do celebre joalheiro Alejo de Montoya, ² roubada em 1869. Hoje é facil fazer uma ideia da joialheria hespanhola, visitando o Museu de South-Kensington; foi este estabelecimento que adquiriu os objectos mais importantes do leilão de Zaragossa, e é o unico museu estrangeiro que tem desde então continuado a acompanhar as vendas de objectos antigos que posteriormente se teem feito em Hespanha. Os objectos da antiga industria peninsular voltaram a ser moda, como no seculo xvi, em que os principes allemães sustentavam na peninsula agentes particulares para a compra dos celebrados *brincos hispanicos*. ³

A joialheria hespanhola adoptou nos seculos xv e xvi as mesmas formas de ornamentação, o mesmo estylo nos padrões do esqueleto metalico, o mesmo processo de engaste, que encontramos na joialheria italiana e allemã da mesma epoca. São os typos de Jean Collaert de Antuerpia, de P. Birckenhultz, de Daniel Mignot de Augsburgo, etc. ⁴ No seculo xvii transforma-se e adquire um caracter mais particular. A variedade na escolha das pedras succede uma certa monotonia e, como consequencia natural (v. pag. 93), o esmalte desaparece. A pedra, escolhida de uma só especie e uma só côr, diamante, ou esmeralda, ou rubim é engastada em ouro *percé à jour*. O lavor d'estas peças é talvez mais subtil, mas o effeito não pode comparar-se ao das antigas do seculo xvi, que irradiavam em mil côres.

Um autor que viajou em Hespanha na segunda metade do seculo xvii, Madame d'Aulnoy, que havemos citado mais de uma vez, dá-nos ácerca da joialheria hespanhola uma serie de noticias que pa-

recem estar em contradição com o que acabamos de referir. É preciso advertir, porém, que Madrid não era a Hespanha, nem então, nem ainda hoje mesmo. As damas podiam cobrir-se de joias, como quem expõe um manequim de *bric-à-brac*; podiam mesmo preferir as falsas lentejoulas do *Temple* á magnifica pedraria de suas avós — isso era questão da moda que, exercendo a sua influencia n'uma alta sociedade ociosa, como era a hespanhola, provocava as invenções mais disparatadas; mas nem o mau gosto na applicação das peças antigas ao vestuario, nem a preferencia pela *verrerie*, pelas pedras imitadas, influiu sobre a joialheria hespanhola, que se sustentou n'um elevado grau de merecimento durante a maior parte do seculo xvii. A egreja conservou a boa tradição. As offerlas ás Virgens dos differentes sanctuarios de Hespanha deram lugar a numerosas encomendas, que foram executadas n'um estylo elegante e solido, cuja ligação com o anterior é evidente. Madame d'Aulnoy concorda, de resto, na belleza das joias antigas de familia, que viu em Madrid, e nota a grande abundancia d'ellas:

«As senhoras hespanholas tem as joias (*pierres*) mais formosas que é possivel ver; não é um adereço, como o tem a maior parte das nossas damas em França; são oito e mesmo dez; uns de diamantes, outros de rubins, outros de esmeraldas, de perolas, de turquezas, enfim de mil modos, mas montam-nos muito mal, ¹ cobrem quasi todas as pedras, ficando muito poucas á vista. Perguntei por que razão o faziam assim? Responderam-me, que o ouro lhes parecia tão bello como as mesmas pedras. Cuido, porém, que a culpa é dos joalheiros, que não sabem engastar melhor as joias.»

É mui curiosa a descripção que a mesma autora faz de uma dama hespanhola, enfeitada segundo todas as regras da moda; não a traduzimos porque, se o fizéssemos, é possivel que nos accusassem de interprete menos fiel, tão singular é o retrato:

«Les Dames portent de grandes Enseignes de Pierreries au haut de leurs corps, d'où il tombe une chaîne de Perle, ou dix ou douze nœuds de Diamans, qui se rattachent sur un des côtes du corps. Elles ne mettent jamais de Colier; mais elles portent des Bracelets, des Bagues, & des Pendants d'Oreilles, qui sont bien plus longs que la main, & si pesans, que je ne comprends point comment elles peuvent les porter, sans s'arracher le bout de l'Oreille. Elles y attachent tout ce qui leur semble de joli. J'en ai vu qui y mettoient des Mon-

¹ Os seguintes autores offerecem interessantes gravuras de joialheria hespanhola hespanhola desde o seculo xv a xviii: *Museo espan.* vol. I e Vi. Davillier *Les arts* e em *Recherches*, no texto e nas Pl.; Riaño, *The ind arts* pag. 35-38, Borrell, vol. III, pag. 218, 470 471, e Lam. LXII.

² O perito D. José Miró, avaliou a corôa em 60:000 duros, em 1865. V. Borrell, vol. II, pag. 217, que dá d'ella uma excellente lithogr. L.^a LXII. O pezo da prata, que reveste o vulto da *Virgen del Sagrario*, que é de madeira, representa mais de 500 kilogr.; o vestuario da festa tem, além das pedras preciosas, mais de 80:000 perolac, e assim por diante.

³ V. *Arch. art.*, fasc. IV, e adiante o cap. VII, *Sobre a influencia da arte estrangeira*.

⁴ Comparem-se com os typos das *Flugblätter*, fol. 34 a 37.

¹ «Leurs lapidaires ne les savent pas mieux mettre en œuvre.» Traduzimos *joalheiro*, porque os lapidarios não montavam, nem engastavam as obras. Mad. d'Aulnoy accrescenta: «J'en excepte Verbec, qui le feroit fort bien, s'il vouloit s'en donner la peine.»

tres asses grandes; d'autres des Cadenats de Pierres précieuses, & jusqu'à des Clefs d'Angleterre fort bien travaillées, ou des Sonnettes. Elles mettent des Agnus & des petites Images sur leurs manches, sur leurs épaules, & partout. Elles ont la tête toute chargée de Poinçons; les uns faits en petites Mouches de Diamans, & les autres en Papillons, dont les Pierreries marquent les couleurs» (Vol. II, pag. 130-131.)

Os quadros e gravuras da epoca confirmam em parte estas palavras; o bom gosto da moda hespanhola acaba com Filipe II, perdendo o ultimo resto de originalidade com a entrada dos Bourbons (1701). Na epoca em que Madame d'Aulnoy escrevia (1678 a 1680) já as lentejoulas de importação franceza tinham entrado na corte: «mais tout les contente, des éguilles, épingles, quelques rubans, & surtout des pierreries du Temple les ravissent: elles qui en ont tant de fines & qui sont si belles, ne laissent pas d'en porter d'effroyables: se sont proprement des morceaux de verre que l'on a mis en œuvre, tout semblables à ceux que les Ramoneurs vendent à nos Provinciales qui n'ont jamais vû que leur Curé & leurs brebis. Les plus grandes Dames sont chargées de ces verrines qu'elles achètent fort cher, & lors que je leur ai demandé pourquoi elles aiment tant les diamans faux, elles m'ont dit, que c'est à cause que l'on en trouve d'aussi gros que l'on en veut. En effet, elles en portent à leurs pendans d'oreilles de la grosseur d'un œuf, & tout cela leur vient de France ou d'Italie; car comme je vous ai dit, on ne fait guère de choses à Madrid, l'on y est trop paresseux» (Vol. III, pag. 120).

As peças de joialheria hespanhola não se distinguem das portuguezas.¹ No citado museu de South-Kensington podem ver-se as provas do que affirmamos com relação ao seculo XVII. As nossas peças do seculo anterior estão no mesmo caso; apenas são muito mais raras, mas quem tiver o cuidado de percorrer os nossos conventos e egrejas, e examinar com attenção as joias que ornão ainda algumas das nossas imagens de devoção mais celebres em dia de festa, e as peças bastante numerosas que se veem nos quadros portuguezes do seculo XVI. (Acad. de Lisboa, Evora, Vizeu etc.) encontrará ainda material de estudo sufficiente. A Academia de Bellas Artes de Lisboa adquiriu nos ultimos dois annos algumas joias, procedentes de conventos secularizados, que merecem ser vistas, sobresahindo entre ellas uma corôa de ouro esmaltada e guarnecida de perolas e pedras preciosas, que pertencia ao convento de Nossa Senhora da Luz de Lis-

boa. A tradição diz ser uma dadiva da celebre infanta D. Maria, a dos Serões, filha de D. Manuel.

(Continúa)

JOAQUIM DE VASCONCELLOS.

Eis o indice do estudo especial sobre a *Historia da ourivesaria e joialheria portugueza*, que o nosso consocio, o sr. Joaquim de Vasconcellos, vae publicar, e de que temos dado extensos extractos:

Ensaio historico sobre a ourivesaria e joialheria portugueza. Sec. XIV-XVI. Um vol. em 4.º de cerca de 500 pag., com importantes documentos.

PARTE PRIMEIRA

Introducção: A ourivesaria peninsular anterior ao sec. XIV. Bibliographia. Fontes de estudo.

- | | | |
|----------|------|---|
| Capitulo | I | Sobre as condições do commercio de ouro e prata nos sec. XV e XVI. |
| » | II | Sobre as condições technicas. |
| » | III | A ourivesaria religiosa. |
| » | IV | A ourivesaria profana. |
| » | V | A joialheria. |
| » | VI | A ourivesaria hespanhola, profana e religiosa. A joialheria. |
| » | VII | Sobre a influencia da arte estrangeira. O Occidente e Oriente. |
| » | VIII | Sobre a organização do ensino artistico. A officina e a aprendizagem. A posição social do ourives no sec. XV e XVI. |

PARTE SEGUNDA

Catalogo geral da ourivesaria portugueza até fins do sec. XVIII.

Glossario historico e tecnologico.

PARTE TERCEIRA

Documentos comprovativos (sec. XIV-XVIII).

PARTE QUARTA

Diccionario dos ourives e joialheiros portuguezes (sec. XII-XVIII).

Alguns fragmentos da *Parte Primeira* já foram publicados nas seguintes revistas:

Capitulos I, II e VI n'este *Boletim*.

Do capitulo IV saiu um importante fragmento na *Arte portugueza*, Porto, fevereiro de 1882.

Do mesmo capitulo IV, deu o sr. Ch. Yriarte uma traducção livre na *Revue des deux Mondes*, de 15 de maio.

¹ V. retro o Capitulo especial que lhes consagramos (pag. 87 a 101).

SECÇÃO DE ARCHITECTURA

A BASILICA DE MAFRA

Arte ornamental

..., dès que le sentiment du beau consiste plus dans la finesse du tact que dans la profondeur du savoir, il faut singulièrement observer le principe de Néoptôte : «raisonne, mais en peu de mots».

WINCKELMANN.

Ao vermos a reunião de tantos objectos de arte, maravilhas — por assim dizer — produzidas pela mão do homem, na exposição que tão dignamente se realisou na capital do nosso paiz, e onde figuraram algumas peças pertencentes á basilica de Mafra, e tendo nós em outros numeros do nosso *Boletim* tratado de diversas partes do famoso monumento, suggeriu-nos o desejo de fallar das preciosidades artisticas que existem n'este vasto edificio, na verdade, tão abundante de obras de arte em todos os generos que pode ser considerado, talvez, o maior e mais importante museu de Portugal.

Ao erguer a grandiosa massa, ao despendar enormes sommas na construcção do edificio, D. João v, cujo genio faustoso se accommodava perfeitamente ao espirito da epoca em que vivia, não descurava em cousa alguma o que podesse embellestar e enriquecer a sua obra, e mormente quando se tratava de alfaías e objectos que serviriam para esplendor do culto. Ao passo que as paredes do edificio subiam com incrivel presteza, artistas notaveis, no estrangeiro, produziam esses objectos luxuosos e ricos que viriam opportunamente occupar diversas casas, e brilhar na occasião em que, cessando o ruido do martello, os monges entoassem os canticos que a Egreja prescreve nos actos solemnes da sagração de um templo. E assim foi.

Quando no dia 22 de outubro de 1730 se começou o cerimonial da sagração da basilica, as alfaías appareceram, e a maior parte d'esses objectos de arte ornamental, que hoje ali se admiram, estavam nos seus respectivos logares e augmentavam a pompa que presidia aos sumptuosos festejos. Dissemos — a maior parte dos objectos — porque, posteriormente se addicionaram outros de não menor valia, taes como — na Egreja, os retabulos dos altares, esses sublimes baixos relevos de calcareo portuguez; as estatuas de marmore de Carrara, e varias peças de metal.

É, porém, na casa denominada da *Fazenda* que se acham agrupados todos os moveis especiaes e que mais tocam o espirito do observador, o qual, desanimado pela sombria perspectiva do edificio, sente desde o entrar no templo nova e agradável impressão, em presença da riqueza de ornamenta-

ção que resalta de todos os lados. Dos baixos relevos, das estatuas, dos candelabros, dos cancellos, dos orgãos já tratámos em outros capitulos — occupar-nos-emos n'este numero da *Casa da fazenda*, asseverando que no edificio de Mafra existe um museu permanente de objectos de arte ornamental, que merece ser visto e cuidadosamente estudado. E não se julgue que por acaso se encontra um ou outro exemplar em qualquer genero, ha collecções completas e repetidas; e diremos, com orgulho, que os nossos artistas augmentaram os grupos, imitando e produzindo melhor, talvez, do que artistas estrangeiros.

Diz-se que D. João v na occasião dos festejos, com respeito ás alfaías, exclamára perante a côrte: «Estes objectos custaram mais dinheiro do que toda a grande massa que nos cerca.» Serve a expressão, pelo menos, para dar ideia da riqueza. Não se dispenderia hoje por tal forma; mas é certo que, se o luxo e o fausto fossem completamente banidos, as bellas artes desapareceriam; sem elles não podem ellas medrar. O architecto, o pintor, o escultor, o ourives seriam entidades que ficariam existindo nos velhos dictionarios, e o lexicographo futuro teria de desenvolver bem a palavra, para que as gerações vindouras formassem ideia do serviço que a elles competia.

Tratemos da *Casa da fazenda*.

A casa da fazenda, junta à sacristia, e na face do sul do edificio, tem cinco divisões. A primeira, que tem 16,^m3 por 6,^m2, está lateralmente guarnecida de armarios envidraçados, onde se guardam castiças de metal, em numero de 130 — cada um d'elles tem 1,^m3 de altura; a base é triangular e o fuste redondo e perfeitamente acabado; não tem outro ornato além de filetes, meias cannas e redondos — servem estas peças nas occasiões de festas solemnes para guarnecer o throno, e para preencher os altares. Guardam-se tambem n'esta casa duas famosas banquetas de metal e competentes caryatides, de muito bom trabalho, que pertencem aos altares da sacra Familia e do Sacramento. Acham-se ali igualmente as peças que servem na cerimonia do lava-pedes — taes como: bacias, jarras, bilhas, etc., tudo de estanho.

Na segunda casa, de 11,^m5 por 8,^m20 — á direita da de entrada — veem-se, em armarios envidraçados, muitos relicarios de metal de lindo trabalho e muito elegantes; mede cada uma d'estas peças 1,^m22 de altura, e compoem-se de base exagonal, tendo relevadas em tres faces as letras R. B. M. e do corpo que se ergue até ao receptaculo da reliquia rematado por uma estrella. Este corpo é de

mimoso lavôr, e todo cinselado; e dos lados do receptaculo pendem delicadas grinaldas de flores. Ha ainda outros relicarios de menos trabalho, mas bellos. A banquetta da capella-môr é uma primorosa peça de metal, de 3,^m5 de comprimento apresentando em relevo, em toda a sua extensão, uma delicada folhagem com cachos de uva e espigas de trigo, distribuidos e entrelaçados com muita arte; no centro da mesma peça ha uma lamina, onde se vê, em relevo, a passagem da vida de Santo Antonio na occasião em que pretende livrar o pae da força. São muito apreciaveis as figuras que constituem o quadro: a serenidade que revela o rosto do santo, mandando levantar o cadaver: o espanto que se nota no rosto dos ministros, e no dos soldados que formam a guarda, e o espirito de curiosidade e de commoção que se percebe tão precisamente no povo ao fundo do quadro, tudo é bello e de subido merecimento. Para sustentar esta banquetta ha duas caryatides, tambem de metal, de 1,^m3 de altura, coroadas com uma grande voluta e circumdadas, desde a cabeça de anjo até á base de folhagem relevada donde saem espigas de trigo e cachos de uvas; estas peças, como as duas identicas de que já fallamos, foram feitas no nosso arsenal por João José de Aguiar.

Servem exclusivamente com a referida banquetta uma cruz especial e oito castiças de metal de um trabalho esmerado, cada uma d'estas peças mede 1,^m1 de altura, as bases são triangulares e ornadas de cabeças de anjos; os fustes são oitavados, muito esveltos, e adornados de filetes e redondos, em que estão cinselados bonitos arabescos. A cruz, na base e face da frente, tem cinzelada a passagem da *Céa*, o que se pode considerar um mimo de execução; a boa proporção das figuras, a expressão e attitudes de todas ellas revelam muito saber da parte do executante. É deslumbrante o effeito que produz o conjunto de todas estas peças metallicas, quando collocadas no altar e circumdadas de outras diversas alfaias em perfeita harmonia com ellas.

O tocheiro, do cirio paschal é outro objecto importante, posto que destituído de ornamentação—é notavel sobretudo pela sua grandeza: tem a forma de uma columna com a base quadrada, fuste redondo e cimalha onde está o bocal que recebe o cirio—o diametro do bocal mede 0,^m16; todo o corpo tem 2,^m86 de altura, e pesa 235 kilogram. Pertencem-lhe dois apagadores que estão com elle em perfeita analogia; são de tal grandeza que o sr. visconde de Castilho, visitando o edificio, exclamou ao apalpal-os: *Oh! são os apagadores do sol*.

O candieiro das trevas, tambem de metal, é outro objecto enorme—compõe-se de base, fuste canellado, e do corpo de forma triangular que recebe as velas; este triangulo tem de base 1,^m12, e a al-

tura total do candieiro é de 2,^m8; todas as peças componentes são maciças, e pesam 295 kilogrammas.

Ha dois thuribulos e duas navêtas, de trabalho primoroso; as navêtas são cinzeladas; e entre folhas e flores, delicadamente trabalhadas, teem gravado o escudo das armas de Portugal; os thuribulos teem muitos rendilhados, e labores analogos aos das navêtas; quando fechados similham uma urna de forma engraçada. No mesmo genero ha egualmente lanternas para servirem nas procissões.

Existem mais n'esta casa; duas custodias de prata dourada, de muito bom trabalho, e de estylo egual ao de todas as outras peças: calices de prata cinzelados: uma grande corôa de metal que se collocava sobre a eça na occasião dos officios funebres por alma de D. João V: lampadas, cornucopias para tres lumes, e uma infinidade de pequenos objectos metallicos com diversas applicações: as pesadas e enormes estantes do côro, e muita obra de talha de madeira do Brazil de inexcédível perfeição, e cujo destino se ignora. Ha duvida se todos estes objectos existiam quando teve logar a sagração; suppõe-se, com bom fundamento, que se fizeram depois, e que são obra portugueza do fim do seculo passado e do principio do actual. Do seculo passado ha ali uma valiosa peça de ebano e prata. É um relicario de 0,^m65 de altura, a base rectangular é sustentada por quatro leões rompantes; seis anjos de prata apresentam os instrumentos da paixão do Salvador; o interior do relicario contem cinco estatuetas, tambem de prata, representando a scena da flagellação—o todo é encimado por uma cruz.

Parece que em tempo houve uma custodia e um calix de ouro de 21 quilates. Estes objectos, segundo ouvimos dizer ao sr. Eusebio Gomes, antigo empregado n'este edificio, foram para o Brazil quando a familia real para ali retirou em 1807. O calix, diz o *monumento sacro*, pesava com a patena e a luneta 6 onças, 7 oitavas e 3 grãos. Mais alguns objectos saíram d'aqui por vezes, como foram em 1792 por ordem da rainha, datada de 5 de setembro, sete lampadas de metal para o mosteiro de S. Vicente de Fora; e em 1808, por ordem do intruso governo francez, diferentes peças foram para a patriarchal.

Na primeira casa, á esquerda da casa de entrada medindo 16,^m3 por 7,^m2, guardam-se em grandes caixões os frontaes e outros muitos estofos bordados. A profusão e a riqueza do bordado são admiraveis. Os frontaes são de damasco bordado a retroz em grande relevo, e franjados no terço superior com requife e canotilho—ha frontaes para todos os altares, e das cinco cores do rito: branca, encarnada, verde, roxa e preta. A escolha da côr do retroz para o estofos foi muito bem calculada; em

quanto que sobre o encarnado o retroz é de um amarello vivo, esmorece um pouco sobre o branco; e sobre o verde, roxo e preto é de côr de palha — produzem bello effeito. Nesta mesma casa e em outra contigua estão os paramentos, e outras muitas e diversas alfaías. Ha collecções completas das cinco côres para servirem nas funcções religiosas, observando-se da mesma fôrma a bem combinada distribuição das côres de retroz nos bordados sobre os estofos. Encontram-se dalmaticas, capas, casulas, portei-
teiras, pallios, sanefas, pannos do sacrario, e tudo deslumbrante pela opulencia do trabalho e pelo effeito. Os desenhos não apresentam figuras caprichosas que a phantasia ou a licença introduziram em objectos analogos e que se adaptavam ao estylo das velhas cathedraes; todos os desenhos são geometricos, a longos traços, que o artista soube animar, bordando com admiravel pericia.

As alfaías foram feitas em Genova, Napoles e Milão — algumas ha feitas em França, que se distinguem pelos bordados em flores de liz, e porque a côr do retroz tem esmorecido, o que não acontece ao retroz da Italia que conserva o seu brilho primitivo.

D'entre os numerosos grupos existentes devemos especialisar o rico paramento de gorgorão branco, todo bordado em grande relevo, e destinado a servir na festa de *Corpus Christi*: Consta elle de 25 casulas, 12 capas e 8 dalmaticas, alem das tunicellas, quadratos, manipulos, estolas, véo de calix, véo de hombros, panno de faldistorio e panno de pulpito.

Ha mais: outro paramento branco, bordado para dias solemnes; paramento de côr carmesim, todo bordado, feito em Genova; paramentos completos de setim verde e roxo, bordados em Milão; paramentos de setim roxo e preto, proprios para servirem nos officios da semana santa; tres riquissimos doceis grandes, bordados em alto relevo pelos dois lados, com franja de retroz e requife de 0,^m29, pesando cada peça 105 kilogram; portei-
teiras de gorgorão e espaldares brancos e carmesim, todos bordados; pallio branco bordado dos dois lados em grande relevo; os primorosos pavilhões de sacrario, feitos de gorgorão e das côres branca, encarnada e roxa, com mimoso bordado, e de um effeito surprehendente.

Existindo mais outros exemplares e collecções, citamos aquelles como principaes e de execução mais aprimorada. Ha tambem um frontal, que se diz ter sido bordado por um frade do convento. Esta peça era dedicada a Santa Barbara, em cuja festa exclusivamente servia — é de damasco encarnado, bordado a retroz amarello, tendo em alto relevo no centro o castello e as palmas do martyrio, emblemas da mesma santa; e é franjado em toda a extensão com requife e canotilho.

Bordados a ouro só ha duas mitras, e o espaldar

destinado a ornar o fundo da maquina que se colloca sobre o throno, quando se faz a exposição do Sacramento — o bordado é em alto relevo, executado magistralmente, a fio e palheta de ouro.

Existem ainda outras muitas peças de bastante valôr artistico em paramentos meio bordados e em roupas brancas, como são: alvas e sobrepellizes com rendas finissimas de 0,^m30; almofadas bordadas para descancarem os missaes sobre os altares; pannos de velludo agaloados de ouro, que servem para cobrir a eça; lampadas de metal, lanternas e crucifixos; quadros a oleo e uma infinidade de pequenas cousas, interessantes para estudo.

Ha tambem um throno grande, de madeira dourada, que admite 200 lumes: tem 3,^m6 de altura, egual base, e dez degraus — serve para exposição do Sacramento.

Como recordação guarda-se ali a cruz que serviu na inauguração do edificio; é de prancha de madeira do Brazil, e mede 5^m de altura.

Em todo o edificio acham-se muitas e varias peças de arte, de metal especialmente; restringim-nos á *Casa da Fazenda*, por ser ali onde estão reunidos os objectos mais importantes, e de maior valor artistico nos sumptuosos exemplares em que a execução rivalisa com a materia prima. Todos os objectos são recommendaveis, e quer em bordados, quer em ourivesaria ha elementos de proveitoso estudo. Nada, porém, é anterior ao seculo passado, e com respeito á ourivesaria, as obras que existem são, pela maior parte, de origem nacional, e o seu estylo é da renascença.

Seria muito para desejar que as preciosidades artisticas de que acabamos de tratar despertassem o devido interesse aos que amam a arte, e a todos os que sabem apreciar os objectos que possuímos, ou sejam executados pela nossa mão, ou adquiridos com o nosso ouro. Todavia — pena é dizel-o — do monumento de Mafra o precioso museu é o ponto menos analysado. Cessem por uma vez o desconceito e a prevenção pouco justa contra o edificio, e seja conscienciosamente observado, porque elle constitue uma inexgotavel mina para estudo.

Pela nossa parte se fazemos uma descripção rapida dos objectos de subido valor que se encontram no museu de Mafra, é por que não julgamos facil o fazer a critica conscienciosa da arte, nem mesmo historial-a nas condições em que se acha. E' indispensavel estudal-a e conhecer-lhe os segredos, para se conseguir o fructo que só n'essas circumstancias se pode adquirir; e o bom senso recommenda-nos a abstenção de miudas apreciações.

Temos no paiz varios grupos e algumas collecções de bons exemplares de obras de arte, ignorados alguns, pouco conhecidos outros, e d'ahi, e muitas vezes, a perda total de muitos.



ESTAMPA 48

Arucas
Sarcophago do Principe D. Affonso Sanches



A iniciativa individual tem conseguido salvar valiosas peças; e no museu do Carmo, em Lisboa, se encontra uma variada collecção, e assaz rica, que, em grande parte, se deve ao seu benemerito fundador, e actual presidente da real associação dos architectos e archeologos portuguezes, ex.^{mo} sr. Joaquim Possidonio Narciso da Silva. O instituto archeologico de Coimbra deve-se tambem a cavalheiros de elevada illustração, e ahí existe hoje um nucleo de alta valia que se vae augmentando, graças ao zelo dos seus dignos directores.

Se não podemos ter um museu central, devemos conservar e tornar bem conhecidos os que ha e que constituem um grande livro, em cujas paginas o artista pode adquirir proveitosa lição, alcançando ao mesmo tempo conhecimento exacto sobre estylos, boas proporções, harmonia de ornamentação e decoração que devem existir entre a fórma e a applicação do objecto.

A exposição de arte ornamental, que acaba de se effectuar, provou até á evidencia a riqueza e abundancia dos objectos famosos que ainda possui-

mos, demonstrando mais, que, sendo elles em grande parte producção dos artistas portuguezes, revelam a fecundidade do genio e o gosto da execução.

E ainda com respeito ao museu de Mafra, de que nos temos occupado, diremos que se acha em boas condições, que a situação da casa é favoravel, e os objectos estão bem resguardados — convem respeitá-lo e conservá-lo religiosamente, e que d'ali se não retire mais uma só peça; não só porque se interrompem as collecções, como tambem porque os exemplares, porventura desviados, alem de ficarem em desaccordo com outras alfaías de epochas ou estylos diversos, iriam augmentar o numero de muitas que se encontram em sachristias escuras e humidas, expostas a tantas barbaridades, entre as quaes os restauros que são verdadeira profanação, e um vilipendio a que se deveriam poupar estas e outras obras de reconhecido merecimento, que serão sempre bellas, ainda mesmo em suas ruinas.

O socio

JOAQUIM DA CONCEIÇÃO GOMES.

SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA

PHOTOGRAPHIA DO PRESENTE NUMERO

ESTAMPA 43

O sarcophago que representa esta photographia é tambem um dos mais raros exemplares que possui o museu de archeologia da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, e que está exposto no edificio do museu do Carmo em Lisboa, havendo mais outro, que representa o finado deitado sobre a ilharga, existente no jazigo real da S. Diniz em França, porque geralmente o cadaver, era sempre posto de costas, não só para occupar o espaço todo que cobria o seu jazigo, como poder mostrar o rosto fitando o Céu, parecendo esperar que n'aquella habitação celeste sua alma seria recolhida entre os bemaventurados.

Foi desde o XII seculo que se principiou a collocar sobre a campa dos sarcophagos o vulto da pessoa n'elle encerrado; não se escondia no seio da terra o corpo do defuncto, como se fosse um objecto de terror e de afflicção, pois que, representando-se sobre a campa o seu corpo, vendo se a sua attitudo tranquillá e conservando as mãos postas em oração, exprimia o descanso de sua alma, a resignação e a esperança de alcançar o premio de suas virtudes.

A presente estampa não só é curiosa por esta singular circumstancia, como egualmente pelo mereci-

mento de sua escultura, e tambem pelo facto que deu logar a ter-se entaipado este sarcophago dentro de uma parede, afim de fazer desaparecer a memoria do passamento do illustre varão a quem elle pertencia!

El-rei D. Diniz prezava mais o seu filho natural D. Affonso Sanches do que o filho legitimo D. Affonso, que herdou depois a corôa; havia, pois, ciumes d'este, pela affeição mais pronunciada do soberano para com o primeiro.

D. Sanches indo um dia caçar a Almeirim, estando a corte em Santarem, foi mordido por um javali, cuja ferida causou a sua morte, vindo a fallecer n'aquella villa, sendo sepultado no convento de S. Domingos. El-rei D. Diniz mandou-lhe fazer o sarcophago como se vê n'esta photographia, estando representado na face principal o fatal acontecimento da caçada, onde se observa o principe a cavallo accommettendo o animal, e os creados temerosos refugiando-se sobre as arvores; e posto que esta escultura em alto relevo esteja mutilada em dois logares, por um encaixe que lhe abriram (e nós explicaremos depois o motivo d'este vandalismo), todavia, deixa vêr o facto que causou a morte prematura do principe, que o artista representou com vigorosa execução.

Ainda que não conste a razão por que a effigie do principe esteja na posição que não era uso ado-

ptar-se, ousamos, na nossa humilde opinião, supor que o motivo de ficar por este modo deitado, seria que a mordedura do feroz animal fosse feita sobre a perna esquerda, impossibilitando o ferido de se poder deitar sobre o outro lado, e ter fallecido n'aquella posição.

O distincto secretario da associação franceza de archeologia, que veio a Lisboa, em 1880, ao congresso de anthropologia e archeologia prehistoricas, o qual visitou na companhia dos outros membros o Museu de Archeologia do Carmo, exprime-se ácerca do merecimento artistico d'esta esculptura, pelo modo seguinte :

«¹ Parmi les objets du moyen âge, d'anciens tombeaux de personnages historiques attirent l'attention et donnent d'excellents types de ces sortes de monuments, en usage en Portugal et en Espagne aux XIV^e et XV^e siècles. Les coffres rectangulaires, en pierre ou en marbre, comme celui du roi Don Fernando 1^{er}, avec couvercle en forme de pyramide basse et tranquée, tirent un puissant effet décoratif de la présence, sur leurs faces, d'écussons héraldiques enfermés dans des cadres multilobés. D'autres plus simples, ornés d'écussons, montrent sur leurs couvercles plats, dans l'immobilité de la mort, les graves physionomies des défunts, comme le sarcophage de D. Gonçalves de Sousa, grand commandeur de l'ordre du Christ. Parmi les tombeaux portant les effigies des personnages, il en est un, celui de Don Affonso Sanches, dont la statue est couchée sur le flanc, exemple très-rare d'une exception à l'usage consacré avant le XVI^e siècle de représenter le défunt étendu, le visage tourné vers le ciel. La chevelure partagée sur le front et tombant en ondes souples sur les épaules, la barbe raide, ajoutent encore à cette effigie un caractère de curieuse originalité.»

Quando em 1866 fomos a Santarem evitar que as obras d'arte que se achavam abandonadas, mutiladas e desprezadas nas egrejas profanadas d'aquella cidade, podessem ser conservadas para servir á historia das Bellas-Artes do nosso paiz; notámos que na remota capella do Rosario de Nossa Senhora de Oliveira, da fundação de 1222, e junto da qual se edificou depois o convento de S. Domingos em 1223, havia, defronte do retabulo, pertencente ao tumulo de Ruy de Menezes, uma grande pedra lavrada a picão, encravada na parede e a sua tosca face no destorcimento da parede de alvenaria! Causou-nos admiração vêr a pedra collocada por aquella fôrma, e a fim de verificar o motivo de semelhante construc-

ção, mandámos esburacar a parede sobre os dois lados da dita pedra (munidos de precisa auctorisação), e veio a descobrir-se que estava entaipado o sarcophago, do qual publicamos a vista. Ficámos surprehendidos por tão inesperado achado! Procuramos explicar qual seria o poderoso motivo que tivesse determinado aos frades occultar aquelle tumulo e mutilal-o! Não obstante não haver nada escripto a este respeito, ¹ podemos conjecturar, com plausivel probabilidade, que depois do passamento d'el-rei D. Diniz, e de ter subido ao throno seu filho legitimo D. Affonso IV, os frades sabendo a rivalidade que havia existido entre os dois irmãos, com o fim de lisonjear o novo soberano, esconderam dentro da parede as esculturas e o rosto do infeliz principe D. Sanches; e no mesmo logar onde tinha sido posto o sarcophago, apparecia então uma grande pedra tosca, que por modo algum fazia recordar ter pertencido ao tumulo do filho natural do rei finado! Ora como a grossura da parede não permittisse esconder totalmente todo o tumulo, porque havia duas hobreiras e uma porta fingida sobre a face oposta, que fazia fundo ao tumulo, tiveram de mutilar as esculturas da face principal do sarcophago em dois logares, afim de fazer a necessaria caixa para entrar todo o alto relevo no tardo das ditas hobreiras, e ficar só a pedra das costas do mencionado tumulo apparente na parede da capella.

O architecto

J. P. N. DA SILVA.

SETUBAL

Inscrições que se encontram em alguns monumentos

MONUMENTO DE BOCAGE

Na face do pedestal, do lado do sul, para onde olha a estatua, lê-se :

A M. M. BARBOSA DU BOCAGE

ADMIRADORES SEUS

PORTUGUEZES E BRAZILEIROS

MDCCCLXXI

DE ELMANO EIS SOBRE O MARMORE SAGRADO

A LYRA EM QUE CHORAVA OU RIA AMORES...

SER D'ELLES, SER DAS MUSAS FOI SEU FADO!

HONRAI-LHE A LYRA VATES E AMADORES!

¹ *Souvenirs archéologiques du Portugal*, 1880, Musée du Carmo, par Mr. J. M. Laurière, *Bulletin monumental d'Archéologie*, vol. vi, pag. 617, 1881.

¹ A *Historia de Santarem edificada*, obra publicada pelo conego Ignacio da Piedade e Vasconcellos, em 1740, posto que descrevesse todos os tumulos que havia na egreja d'este convento, não menciona este sarcophago; talvez por ignorar, quando deu á luz a sua obra, que elle estava entaipado havia 415 annos.

Do lado do nascente :

DOOU-ME PHEBO AOS SECULOS VINDOUROS ;
 DEPONHO A FLOR DA VIDA E GUARDO O FRUCTO ;
 PAGANDO Á VIL MATERIA O VIL TRIBUTO
 RETENHO A POSSE D'IMMORTAES THESOUREOS.

Do lado do norte :

ESTE COM QUEM SE UFANA A PEDRA ERGUIDA,
 AH ! SE ENCANTOU COM SONOROSAS CORES...
 JÁ BOCAGE NÃO É ! NÃO SOIS, AMORES !...
 CHORAI-LHE A MORTE, CELEBRAI-LHE A VIDA !

Do lado do poente :

UM NUME SÓ TERRIVEL AOS TYRANNOS,
 NÃO Á TRISTE MORTAL FRAGILIDADE,
 EIS O DEUS QUE CONSOLA A HUMANIDADE,
 EIS O DEUS DA RASÃO, O DEUS D'ELMANO.

CASA ONDE NASCEU BOCAGE

Na sua frontaria está a seguinte inscripção :

N'ESTA CASA NASCEU
 O INSIGNE POETA
 MANUEL MARIA BARBOSA DU BOCAGE
 A 15 DE SETEMBRO DE 1765
 ALGUNS DOS SEUS CONTERRANEOS
 MANDARAM FAZER ESTA MEMORIA
 NO ANNO DE 1864

PELOURINHO

Na praça de S. Pedro, situada no bairro de Troino :

Do lado do sul :

ESTE PELOURINHO
 SE MUDOU DA PRAÇA
 ... RIBEIRA PARA ESTA
 REAL
 NO ANNO DE 1774

Do lado do poente :

TUDO EXECUTADO POR
 DESPEZA DA CAMARA
 DESTA VILLA SENDO JUIZ
 DE FÓRA LEANDRO DE
 SOUSA DA SILVA
 ALCAFORADO

Do lado do norte :

E POR DECRETO DE S. M. F.
 NOMEADO INSPECTOR DAS
 OBRAS PUBLICAS D'ESTA VILLA
 JOSÉ BRUNO DE CABEDO COR^{el}
 DO REGIM^{to} E GOV^{or} DA PRAÇA
 DIRECTOR D'ESTAS JOÃO VASCO M^{el}
 DE BRAUN SARG^{to}-MOR DA MESMA
 ENGENH^o E COMMAND^o D'ARTHELHARIA

Do lado do nascente :

POR ORDEM DO ILL.^{mo}
 E
 EX.^{mo} SR. MARQUEZ
 DO
 POMBAL
 DO CONG.^o DE ESTADO

CASTELLO DE PALMELLA

Sobre a porta principal se lê a seguinte inscripção :

REINANDO ELREI DOM PEDRO SEGUNDO
 MANDOU FAZER ESTA FORTIFICAÇÃO
 O DUQUE DE CADAVAL MESTRE DE
 CAMPO GENERAL JUNTO DE SUA
 Magestade COMMANDANDO
 AS ARMAS DA PRASSA DE SETUVAL
 E CASCAES SENDO CAPITÃO GENERAL
 DE CAVALLERIA DA CORTE E PROVINCIA
 DA EXTREMADURA E DOS CONSELHOS
 DE ESTADO E GUERRA DE SUA Magestade
 DO DESPACHO DAS MEZAS E ESPEDIENTE
 PRESIDENTE DO TRIBUNAL DO TABACO
 MORDOMO MOR DA RAINHA
 D. MARIA SOFIA ... DE 1689.

O SR. J. P. N. DA SILVA

Não nos soffre o animo guardar silencio ácerca do acolhimento verdadeiramente honroso que vemos ter na imprensa e nas corporações scientificas estrangeiras o nosso distincto compatriota, o sr. Posidonio da Silva. Mais do que uma simples felicitação, mais do que um respeitoso cumprimento, en-

tendemos que era devido e nos cumpria registrar n'este *Boletim* o nosso reconhecimento, como portuguez, aos serviços que o benemerito presidente da associação dos architectos e archeologos tem prestado e está prestando, quanto pôde, á nacionalidade, que nos deu o berço.

N'este proposito e, para que não sejamos suspeitos de louvaminheiros, reproduzimos textualmente

o que encontramos em diversos jornaes. Assim evidenciaremos o motivo da nossa gratidão.

O *Diario Popular* de 19 de setembro publicava esta noticia :

Congresso da associação franceza para o adiantamento das sciencias
Distincções feitas a um portuguez

Nos ultimos dias do mez de agosto, reuniu-se em La Rochelle o congresso da «Associação franceza para o adiantamento das sciencias», para o qual fora convidado e no qual tomou assento, como já o fizera na inauguração dos congressos da mesma associação em Bordeus no anno de 1872, o erudito architecto e archeologo portuguez, o sr. Joaquim Possidonio Narciso da Silva.

Este nosso illustre compatriota foi recebido e hospedado, com a maior amabilidade e distincção, n'aquella cidade, pelo respectivo *maire*; e na sessão da abertura do congresso recebeu a honra de ser convidado, no meio da numerosa concorrência, pelo secretario geral da associação, a ir sentar-se n'uma das cadeiras collocadas sobre o estrado, onde só tinham assento os membros da meza e as autoridades da cidade.

N'aquella sessão — que foi celebrada n'uma antiga egreja gothica profanada — estavam presentes, além dos muitos sabios de differentes nacionalidades, que tomavam parte nos trabalhos do congresso, numerosos espectadores, perfazendo ao todo um auditorio de cerca de mil pessoas.

O congresso dividiu-se em 16 secções na fórma dos estatutos da associação, tomando aquelle nosso patricio parte em duas d'ellas, a de archeologia e a de engenharia civil. Quando se constituia a primeira, o sr. Quatrefages, o distinctissimo professor e membro do Instituto, a primeira coisa que fez foi propor que o sr. Narciso da Silva fosse proclamado presidente honorario, o que a secção unanimemente approvou. A secção de engenharia civil, ao inaugurar-se, conferiu ao mesmo senhor igual distincção. Estes dois factos são honrosissimos para o nosso illustre compatriota e para o nosso paiz por serem a manifestação de apreço em que o sabio archeologo portuguez é tido pelos distinctissimos homens de sciencia que compunham o congresso.

Na sessão de 28 de agosto, o sr. Narciso da Silva fez uma communicação importante ao congresso, sobre o descobrimento da cidade romana de Nabancia, apresentando os objectos que n'ella encontrou, e que foram examinados com particular interesse, especialmente um instrumento cirurgico, um anzol com lastro de chumbo, uma mascara de satyro, etc. Tambem apresentou varios instrumentos de silex, por elle achados nos dolmens de El-

vas, os quaes pela sua delicadeza e perfeição, os sabios do congresso qualificaram como — «joias celticas.»

O n.º 248 do *Journal officiel de la République Française* transcreve a acta da sessão de 4 de setembro corrente da *Société d'Ethnographie*, sob a presidencia de M. Castaing, vice-presidente. Ahi se encontra o seguinte extracto :

«*M. le chevalier da Silva*, qui avait pris séance, samedi dernier, à l'Académie des beaux-arts dont il est membre correspondant, soumet à la Société quelques-uns des objets recueillis par lui sur l'emplacement de l'ancienne ville romaine de Nabancia, qu'il a récemment retrouvée et dont la découverte a été signalée par tous les journaux : une fibule et une pince en bronze, un hameçon, des morceaux de verre, un fragment de poterie portant une figure humaine, etc. Il entretient ses collègues, — entre autres points importants pour l'étude des divers groupes ethniques qui se sont succédé en Portugal, — des cercueils de plomb mis à jour à Setubal, cercueils auxquels il attribue une origine phénicienne.

Puis, revenant sur les fouilles qu'il dirige à Nabancia, l'orateur rappelle les différentes populations qui ont successivement habité la localité et les environs, depuis l'époque récente des Templiers jusqu'aux époques Ibérique et Celtique. Comme vestiges de l'époque Celtique, il présente une hache et des pointes de flèches en silex d'une rare finesse d'exécution, trouvées dans des dolmens près de la Guadiana, mêlées à des objets de métal.»

A revista *Arte e Storia*, de Florença, dizia em 5 de agosto:

«*Scoperta archeologica in Portogallo.*—Il cav. J. da Silva, fondatore del Museo Archeologico di Lisbona e architetto di S. M. il Re, è pervenuto, dopo lunghe ricerche a scoprire gli avanzi d'ell'antica città romana di Nabancia, nella Estremadura Portoghese presso la città di Thomar. L'egregio archeologo ha avuto la fortuna di ritrovare il Foro, la basilica, varie strade selciate, delle stanze con impiantiti a mosaico di vari colori, colonne con basi e capitelli, degli oggetti di ferro, dei mulini a mano, pendenti, vetri, monete e più gli avanzi di un grandioso portico con sedici colonne.

La scoperta è importantissima di per se stessa e più per essere la prima di tanto interesse fatta nella intera penisola Iberica, e l'egregio erudito potrà raccogliere materiali per il Museo di Lisbona e notizie per le sue interessanti pubblicazioni.»

Outros periodicos, taes como *The American Architect and Building News*, do instituto americano de architectos; *L'E'vénement*, de Pariz; o *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro; a *Revista das Obras Publicas* de França; e ainda outros de Berlim e da Hollanda teem noticiado a descoberta feita pelo sr. Possidonio da Silva.

Honra á classe dos architectos, a que s. ex.^a pertence; honra á associação, que o elegeu para seu presidente; honra á patria que tanto amor lhe deve.

DIAS.

Carta de mr. Louis Richemond ao sr. presidente
da Real Associação
dos architectos e archeologos portuguezes

TRÈS-HONORÉ MONSIEUR.

Permettez-moi de résumer en quelques mots les relations du Portugal avec La Rochelle que j'ai eu l'honneur de vous rappeler au moment de la visite que vous avez faite à M. de Quatrefages et qui ont fait le 28 août l'objet de ma communication à la section de géographie de l'association française pour l'avancement des sciences.

Dès 1184, Thérèse, fille de Sa Majesté très fidèle, Alphonse I^{er} Roi de Portugal et des Algarves &c, fiancée à Philippe d'Alsace, relâche à La Rochelle.

Pendant la période épique du commencement de l'histoire moderne, lorsque la Lusitanie eut l'impérissable honneur de fonder son immense empire colonial par cette suite de découvertes qui ont étendu la civilisation européenne sur tout le monde, il y eut des sympathies naturelles entre ses hardis navigateurs et les intrépides marins de la petite et fière commune qui scellait d'un sceau figurant un navire ses chartes solennelles.

Le pavillon portugais flotta fréquemment dans le port de La Rochelle et dans son quartier maritime, la paroisse Saint Jean du Perrot.

Ce fut sous le pavillon portugais que Jean Alfonse de Saintonge fit ses premières campagnes, visita les deux Indes et parcourut le Brésil. J'ai été heureux d'inscrire le nom de ce pilote intrépide dans ma galerie des «Marins Rochelais» et dans ma «Biographie de la Charente inférieure» qui m'a valu la Médaille d'honneur de la Société Nationale d'Encouragement au bien de Paris. J'ai rappelé que Mellen de Saint Gelais a publié à Poitiers chez J. de Marnef en 1559 les «Voyages aventureux du capitaine Alfonse Saintongeois» qui parait avoir servi de type à Rabelais, pour son Xenomanes, pilote de Pantagruel.

Durant les troubles, un corsaire normand, Jacques de Sore, sieur de Flocques, étendit ses croisières jusqu'aux îles Canaries et le tribunal rochelais de l'amirauté de Guyenne fit plus d'une fois rendre justice aux capitaines portugais.

Dans les premiers jours de janvier 1572 mourut à la Rochelle un érudit rouennais Nicolas de Grouchy, appelé par la reine de Navarre à la chaire de philosophie du collège de cette ville. J'ai dit dans l'Encyclopédie dirigée par M. F. Lichtenberger la vie de ce gentilhomme, d'abord en relations avec la colonie portugaise de Sainte Barbe, puis professeur distingué de l'Université de Coïmbre, qui traduisit l'histoire de l'Inde de Fernand Lopez de Castanheda et se plaça par ses travaux d'érudition au premier rang des humanistes de son siècle. Je saisis avec bonheur cette occasion pour rappeler qu'à la suite de la publication de cette notice, l'un des représentants de cette noble famille, M. le vicomte Emmanuel de Grouchy a bien voulu me communiquer une précieuse description pittoresque inédite du Portugal, enrichie de dessins d'une merveilleuse exactitude, qui permettent de placer les grandes personnalités de la Lusitanie au milieu des beaux sites qu'ils ont habités.

Le 17 décembre 1581 fut célébré à La Rochelle le mariage de Gaspard Barbosa Cabeça, fils d'Antonio Gonzalves Cabeça et de Genebra Barbosa avec Alienor Riboulard. La maintenue de noblesse faite par les soins de l'intendant Begon constate que le père et la mère du futur étaient issus du véritable tronc des Barbosas et Cabeças du royaume de Portugal. Un arrêt rendu par le Roi de Portugal le 7 août 1673 établit que Jean Barbose Cabece, père d'autre Jean, maintenu dans sa noblesse par Begon, le 5 juillet 1699 était fils de Gaspard Cabece et de Marie Girard, lequel Gaspard était fils d'autre Gaspard Barbose Cabece et d'Eléonore Boulard, ce dernier fils d'Antonio Gonzales Cabeça et de Genebra Barbosa. L'armorial de la Rochelle (1696-1701) d'après les manuscrits de la Bibliothèque nationale donne le blason suivant.

174 — Jean Barbose Caboch, gentilhomme d'extraction portugaise. D'or à la tête d'homme de front de carnation (aliàs de gueules) (109).

Gaspard Barbosa Cabeça fut à La Rochelle le sujet fidèle et dévoué du Roi Antonio chassé de ses États par Philippe II d'Espagne. Catherine de Medicis arma une flotte pour rétablir dans son royaume le prince portugais. Strozzi devait le conduire aux Açores qui s'étaient déclarées en sa faveur. Le 17 juin 1582 dix vaisseaux anglais mouillèrent dans les rades de La Rochelle, à chef de Bois pour rallier la flotte française à Belle-Ile. L'annaliste roche-

lois Baudoin nous apprend que le feu prit aux poudres du navire monté par le comte Don Diego de Bouteille, plus de cent personnes périrent dans la catastrophe. Au milieu de la confusion, la résistance désespérée des alliés fut inutile et le malheureux Antonio revint à La Rochelle avec deux de ses fils, puis demandèrent asile en Angleterre en 1585. L'un des fils de Gaspard seigneur du clou Doré, se montra également serviteur dévoué de la monarchie portugaise.

En 1641, ce fut à La Rochelle que débarquèrent les ambassadeurs du Roi de Portugal ainsi qu'Antonio Daconsta et le marquis de Nisse députés en 1644 et 1647.

La Rochelle reçut un plus grand honneur en 1666.

Nous lisons en effet dans les registres paroissiaux de Saint Barthélemy.

JUIN 1666

Dom François de Merle Desforest, marquis de Sande, de Portugal et dame Marie Françoise Elisabeth de Savoie, duchesse d'Aumale et de Nemours.

Le vingt et septième jour de juin 1666, très-sérénissime et très puissant prince Alphonse sixième, Roi de Portugal, comparant par son procureur très excellent seigneur Dom François de Merle Deforest, marquis de Sande et très sérénissime princesse Marie Françoise Elisabeth de Savoie duchesse d'Aumale et de Nemours, comparant par son procureur très sérénissime prince Louis de Vendosme, pair de France et de Mercœur (sic) ont été épousés à sept heures du soir ou environ, en la maison nommée maison de Henri quatre, dans une chapelle ou plutôt une chambre préparée et ornée pour la célébration du mariage, rue Gargouillaud, paroisse de Saint Barthelemy, où ont assisté nos seigneurs ill. et rév. év. de Xaintes et de Lusson, M. Brunet, official et g^d Vicairé du diocèse de la Rochelle, Chopin, prêtre del'Oratoire et curé de la dite paroisse, en présence de plusieurs personnes illustres et de condition et a été faite la cérémonie et célébration du mariage par Mgr. l'ill. et rév. Ev. de Langres (sic) duc et pair de France, avec permission de Mgr. l'ill. rév. de La Rochelle. Ensuite les compliments de nosd. Seig. les dits év. accompagnés de M. le g^d vicairé et le curé de la paroisse et plusieurs autres ecclésiastiques, ont été faits à ladite sérén. princesse comme reine de Portugal et les harangues du marquis de Sende (sic) de mm. du Présidial et du Corps

de Ville, les avocats du Royet du Corps de la milice, et ont signé au registre les personnes nécessaires.

Signé J. CHOPIN, CURÉ DE S. BARTH.

L'évêque de Langres en 1666 était Louis Barbier de la Rivière duc et pair de France ; ceux de La Rochelle, de Saintes et de Luçon étaient Henri de Laval de Bois dauphin, Louis de Bassompierre et Nicolas Colbert.

La maison dite de Henri IV, dans la rue Gargouilleau, doit être l'ancien logis de Mlle Le Goux, la Bibliothèque actuelle.

On sait les événements de 1668.

Le 18 juillet 1700 mourut à la Rochelle en odeur de Sainteté, une noble portugaise, Marie de Cardozo, née à Lisbonne en 1651, mariée à un négociant rochelais, Pierre Meusnier. À la mort de son mari en butte à la jalousie et aux persécutions d'une famille qui ne l'avait jamais adoptée, Marie puisa dans sa profonde piété une admirable résignation pour supporter toutes les épreuves qui l'accablèrent. Entrée dans le Tiers Ordre de Saint Augustin, elle devint supérieure, sous le nom de Sieur Marie de la Conception. Le religieux qui nous a laissé la relation aujourd'hui fort rare de sa vie donne de nombreux détails sur cette physionomie si originale, sur cette personnalité qui se présente à l'historien avec l'aureole hiératique. « Le passé et l'avenir ne pouvoient se dérober à sa lumière, elle voyoit ce qui se passoit au loin, comme ce qui se passoit auprès, elle avoit le don du discernement des esprits et démêloit les plus secrètes pensées des cœurs, les choses les plus obscures de l'autre monde ne lui étoient pas inconnues... » Le biographe énumère des preuves nombreuses de son inépuisable charité. « Vingt quatre heures après son décès, son visage parut aussi vermeil qu'il l'étoit dans le temps de sa meilleure santé, ses mains, ses bras et tous ses membres avoient conservé toute leur souplesse... »

Veuillez agréer, Monsieur, l'hommage de mon profond respect.

Louis Marie Meschinot de Richemond, président de la section de géographie du congrès de l'association française pour l'avancement des sciences, réuni à la Rochelle, officier de l'Instruction publique, correspondant du ministère pour les travaux historiques, archiviste de la Charente inférieure, secrétaire général de l'académie de la Rochelle, etc.

NOTICIARIO

Em continuação da utilíssima *Historia dos estabelecimentos scientificos, litterarios e artisticos de Portugal*, pelo nosso venerando consocio o sr. conselheiro

e digno par do reino, José Silvestre Ribeiro, publicou-se ha poucos dias o 10.º volume, comprehendendo preciosas informações relativas ao periodo de 1854-1861.

No prologo diz o illustrado socio da academia das sciencias :

«O final do reinado de D. Pedro V é o termo que temos fixado para a *Historia dos estabelecimentos*, deixando — ou para mais tarde, se Deus nos der vida, — ou para mais habéis operarios, o que é relativo ao reinado actual, que oxalá se prolongue por dilatados annos!

Fallar dos que vivem ainda, é melindroso encargo. Corre-se o risco de parecer panegyrista, em vez de historiador, excitam-se reparos mais ou menos apaixonados, a que é inoportuno ou penoso dar resposta, e finalmente, mal podem ser ainda apreciados os factos no encadeamento das suas relações, influencia ou resultados.

Relativamente ao periodo de 1854-1861, reunimos n'este tomo uma consideravel somma de noticias; mas só no volume immediato podemos concluir o muito que ainda nos falta relatar.

Por quanto adoptámos o plano de seguir a ordem alphabetica na enumeração dos estabelecimentos ou providencias, succede que n'este decimo tomo não podemos passar, na letra C, além do capitulo — *Catalogo geral dos livros em relação ao ensino*. E comtudo, affoitamente podemos dizer que diligenciámos restringir-nos, o mais que nos foi possivel, ao que nos pareceu essencial em cada um dos assumptos diversos; bem como houve todo o cuidado em não desperdiçar o menor espaço na impressão do original.

Dissemos que muito nos falta ainda para chegarmos á conclusão do periodo de 1854-1861.

E com effeito, na indicada letra C ficaram ainda por mencionar, em grande numero, entidades importantes, ás quaes temos que accrescentar as pertencentes ás letras D até U (Universidade de Coimbra).

Para que aos leitores seja facil avaliar desde já a quantidade e variedade de assumptos, que á sua consideração havemos de offerecer no tomo XI, vamos apresentar-lhes uma rapida enumeração dos principaes grupos:

Centro. Collegios. Commissões. Cursos, etc.
Diplomas. Direcções. Dispensatorios, etc.
Engenheiros. Ensino. Escola. Estatistica. Estudos.
Exames.
Gabinetes. Gremios, etc.
Institutos. Instrução, etc.
Jornalismo. Juntas.
Linguas. Livros. Lyceus, etc.
Methodos. Missões. Museus.
Observatorios.
Seminarios. Sociedades.
Trabalhos geodesicos, etc.
Universidade de Coimbra.

Note-se que, por brevidade, apontamos aqui apenas os grupos mais salientes, omitindo por consequencia os menos genericos, e até algumas individualidades, aliás de muito util curiosidade.»

Publicações d'esta ordem não têm só como recompensa elogios ephemericos que a imprensa lhes confere. Aos vindouros sobrarão ensejo de hemdizerem o incansavel trabalhador, o dedicado mineiro que nas suas pesquisas lhes reuniu numerosos materiaes para o estudo do passado historico de Portugal. Pena é que o reconhecimento effectivo de tal serviço venha tardio; mas ha de vir, inteiro, justo, desassombrado, confirmar a opinião dos que proclamam hoje o sr. José Silvestre Ribeiro como uma das altas capacidades do mundo litterario.

O director do museu de Bulaq, M. Maspéro, volta ao Cairo para continuar as escavações emprenhidas no valle do Nilo.

Durante a sua estada em Paris, M. Maspéro deu conta á academia das inscripções e bellas letras das suas pesquisas nas pyramides de Réga, de Kafr-Litch e de Méidoun, assim como da descoberta que elle fez do tumulo da rainha Nitocrès, pertencente á xxvi dynastia.

O sarcophago vae ser transportado para Bulaq.

Herbert Spencer, o celebre philosopho inglez, chegou a New-York em 21 de agosto ultimo, tencionando, se a sua deteriorada saude lh'o permittir, visitar as principaes cidades dos Estados Unidos e o Canadá. M. Spencer conta hoje 63 annos. Nasceu em Derby (Inglaterra). Aos 17 annos entrou como engenheiro na *London and Birmingham Railway Company*, mas ao cabo de dois annos deixou esse emprego para se dedicar inteiramente ao estudo.

A elle se devem notaveis aperfeiçoamentos na fabricação dos relógios, uma nova fórma de prensa typographica, uma machina de fabricar os caractéres de composição e a gravura glyptographica.

A *Revue Scientifique*, de 30 de setembro, publica a conferencia feita no congresso anthropologico de Francfort, por M. R. Virchow.

O assumpto d'essa conferencia foi *Darwin e a anthropologia*.

ASSIGNATURAS REGIAS

O signal publico dos reis de Portugal, anteriores a D. Diniz, limitava-se a uma cruz, que, por ser diversa nos differentes documentos, não se pôde suppor do proprio punho, mas antes feita pelo funcionario que lavrava o diploma. Este signal foi substituido dentro em pouco pelo rodado ou roda, feito tambem pelo notario, e onde elle escrevia o nome do monarcha e de sua mulher e filhos.

D. Diniz foi o primeiro rei que assignou, pela sua mão, diplomas. A fórma ordinaria da sua assignatura é nos documentos latinos *Rex vidit*, e nos documentos em vulgar *El-Rei a viu*. Aparecem comtudo outros em que se lê: *Ego rex Dionysius manu mea subscripsi* — *E eu El-Rei D. Diniz subscrevi aqui com minha mão*.

Os seus successores usavam da assignatura *Rei* ou *El-Rei*, conforme a natureza do diploma, havendo a notar as excepções seguintes:

A rainha D. Leonor, na sua regencia por morte de D. Duarte, assignou *A treiste Rainha*.

D. Affonso V depois das suas pretensões ao throno de Castella: *Yo El-Rei*.

D. João II, regente do reino na ausencia de seu pae: *Principe*.

D. Manuel, depois de jurado principe de Castella: *El-Rei e Principe*.

D. Pedro I foi o primeiro rei que revestiu a sua assignatura com uma especie de colchete, talvez origem da *guarda* que em tempos mais proximos accompanha a assignatura e precede os cinco pontos.

Desde D. Affonso V é que a assignatura real principia a ser seguida de cinco pontos em cruz, dando provavelmente origem a este uso a lenda da appare-

ção de Campo d'Oúrique, que começou a divulgar-se n'este reinado.

A assignatura das leis e mais diplomas que começam pelo nome do soberano é *El-Rei*, a Rainha ou *O Príncipe*, com guarda e cinco pontos. A dos alvarás e cartas regias: *Rei*, *Rainha*, *Príncipe*. E a dos decretos e resoluções de consultas apenas a cetra, guarda ou rubrica.

Para mais amplos esclarecimentos, vejam-se as *Dissertações chronologicas* de João Pedro Ribeiro, tom. III, part. II, pag. 10 e seguintes.

TITULOS OU DITADOS DOS SOBERANOS DE PORTUGAL

O conde D. Henrique intitulou-se *consul* ou *comes*; D. Thereza, em vida do marido e do pae, *infans*, *infantessa*, *cometissa* e mais vezes *Filha regis Alphonsi*.

Desde a era 1123, *regina*, conservando em alguns documentos o titulo de *infante*, ou unindo-o ao de rainha.

D. Affonso Henriques, até á era 1178, *infans* ou *princeps*, e d'ahi em diante *rex Portugalie*.

D. Sancho I, D. Affonso II e D. Sancho II, *rex Portugalie*.

D. Affonso III, até á morte de seu irmão (era 1285) *comes boleniensis*, *procurator regni Portugalie per summum pontificem et defensor*; ou *visitator regni per Dominum Papam, procurator fratris sui et comes boleniensis*.

Depois do fallecimento de D. Sancho II, *rex Portugalie*, e da era 1306 em diante, *rex Portugalie et Algarbii*.

D. Diniz, D. Affonso IV, D. Pedro I e D. Fernando, *rex Portugalie et Algarbii*.

A rainha D. Leonor, depois da morte de D. Fernando, *governador e regedor do reino de Portugal e do Algarve*.

D. João I, desde 16 de dezembro da era 1421 até 6 de dezembro de 1423, *D. João, filho do mui nobre rei D. Pedro, mestre da cavallaria da ordem de Aviz, e pela graça de Deus defensor e regedor do reino de Portugal e do Algarve*.

Depois da sua aclamação, *rei de Portugal e do Algarve*.

De 21 de agosto da era 1423 em diante, *rei de Portugal e do Algarve e Senhor de Septa*.

D. Duarte, *rei de Portugal e do Algarve e Senhor de Septa*.

D. Affonso V até ao anno 1458, usou do mesmo ditado, accrescentando, depois da sua primeira viagem á Africa, *e de Alcacer em Africa*.

Depois da tomada de Arzilla e de Tanger (1471), mudou o titulo d'este modo: *rei de Portugal e dos Algarves, d'aquem e d'alem mar em Africa*.

Tendo desposado sua sobrinha a princeza D. Joanna em 1475, intitulou-se: *rei de Castella, de Leão, de Portugal, de Toledo, de Cordova, de Sevilha, de Galiza, de Murcia, de Jahem, dos Algarves, d'aquem e d'alem mar em Africa, de Aljaira, de Gibraltar, senhor de Biscaya e de Molina*, até setembro do anno 1479, em que, fazendo pazes com o rei de Castella, voltou ao antigo ditado, *rei de Portugal e dos Algarves, d'aquem e d'alem mar em Africa*.

D. João II usou do mesmo ditado até 1485, accrescentando então *e senhor de Guiné*.

D. Manuel continuou com este titulo até março de 1498, em que, succedendo sua mulher por direito

immediato á corôa de Castella, se intitulou *rei de Portugal e dos Algarves, d'aquem e d'alem mar em Africa, príncipe de Castella, de Leão, de Aragão, de Sicília, de Granada e senhor de Guiné*.

Por morte da rainha D. Leonor (24 de agosto de 1498), voltou ao antigo titulo, *rei de Portugal e dos Algarves, d'aquem e d'alem mar em Africa e senhor de Guiné*, accrescentando em 1499 *e da conquista, navegação e commercio da Ethiopia, Arabia, Persia e India*, etc., que ficaram usando os seus successores.

D. Pedro II, desde janeiro de 1668 até á morte de seu irmão, e D. João VI, desde 15 de julho de 1799 até á morte de sua mãe D. Maria I, usaram do titulo: *príncipe regente de Portugal*, etc.

D. João VI, por lei de 16 de dezembro de 1815, mudou o ditado dizendo-se *príncipe regente do reino unido de Portugal, Brazil e Algarves, d'aquem e d'alem mar*, etc.

Pela independencia do Brazil voltaram as cousas ao antigo estado.

PAPEL SELLADO

Sabe-se que no reinado de D. Filippe III se tratou de introduzir em Portugal o uso do *papel de timbre* ou *sellado*, frustrando os acontecimentos politicos de 1640 a execução d'esta medida.

No reinado de D. João IV renovou-se a tentativa, chegando a lavrar-se no conselho da Fazenda o competente regimento, cuja execução deixou de realisar-se em attenção ás instancias do procurador da corôa, Thomé Pinheiro da Veiga e a uma consulta do Desembargo do Paço.

Depois, na menoridade de D. Affonso VI, publicou-se o regimento de 24 de dezembro de 1660, declarando-se por decreto de 28 de janeiro de 1661, que o uso do papel sellado começaria no 1.º de fevereiro seguinte. D'esta vez foi ávante a medida, e com effeito apparecem documentos n'este papel até 1668, anno em que parece ter sido abolida, posto que não posamos dizer como nem por que.

Decorrido mais de um seculo, isto é, em 1797, restabeleceu-se o emprego do papel sellado, e é facil seguir de então para cá as diversas vicissitudes por que tem passado este imposto e a differença dos sellos, marcas de agua, etc.

Para se avaliar o grau de adiantamento que tem attingido ultimamente o ensino em Hespanha e o modo por que d'elle se interessam as classes populares, basta dizer que no primeiro dia em que esteve aberta a matricula na escola de artes e officios se matricularam 1:846 alumnos.

Um allemão recommenda que as *vitrines* das lojas de fazendas sejam de vidro amarello polido, para que os artigos não desbotem com a luz. E' sabido que o vidro amarello detém os raios da luz que mais desmaia as côres.

Constituiu-se em Amsterdam uma associação para a propagação do ensino dos trabalhos manuaes pelos rapazes. Vae publicar uma revista periodica relativa a este ramo de ensino, preparando a sua introdução nas escolas.